

Sob(re) a cidade: a arte como elo entre natureza e espaço urbano a partir da análise de duas intervenções artísticas contemporâneas em metrópoles brasileiras

Palavras-Chave: ARTE CONTEMPORÂNEA, ECOLOGIA URBANA, PAISAGEM

Autores:

Luá Bonduki de Sousa – IA, UNICAMP

Prof^a. Dr^a. Sylvia Helena Furegatti (orientadora) – IA, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A bibliografia relacionada à ecologia urbana aponta constantemente para a prevalência da população urbana dentre a população mundial total. De acordo com a ONU, em 2022 55% da população mundial era urbana. No Brasil, o número chega a 85%. O aumento da população urbana reflete um processo de distanciamento de territórios em que r-existem relações socioambientais, culturas locais, tradicionais ou da terra e práticas de manejo sociocultural das águas, dos biomas e da biodiversidade, distanciamento esse que é semeado pela modernidade e pela colonialidade (BRAGANÇA et al, 2022, p. 3). Nesse projeto, analisamos duas intervenções artísticas que pensam o resgate de uma relação cultural com as águas e o Cerrado, nos provocando a repensar o espaço urbano.

Para Odette Seabra (2000), nas metrópoles imperam constantes sobreposições cujo propósito é readequar o espaço urbano ao funcionamento da sociedade capitalista, produzindo um palimpsesto, uma acumulação de tempos (p. 75). O lugar da natureza nesse processo é o da fragmentação e constituição dos objetos, matéria prima ou força produtiva (SEABRA, 2000, p. 77). Em paralelo, há o surgimento da própria noção de natureza, que passa a ser entendida como exterior e independente ao mundo humano. Assim, criam-se mediações (como o dinheiro) entre nós e ela, produzindo uma sociabilidade abstrata que vê o mundo como externo a si mesmo (SEABRA, 2000, p. 77).

É esse o sentido em que caminha a produção dos espaços urbanos, que desconsidera e destrói ecossistemas e topologias que fazem parte dos territórios em que se alocam, mesmo que as relações socioambientais com esses elementos tenham sido determinantes para a ocupação humana nestes territórios. Vemos isso na relação com os rios urbanos, que, apesar de se relacionarem historicamente com as cidades e ocupações humanas pelo globo – não só como fonte de água para para suas atividades, mas em complexos vínculos culturais e estéticos (BAPTISTA; CARDOSO, 2013, p. 127) –, sofreram as consequências de uma urbanização que desconsidera a saúde dos rios, ocupando suas margens, impermeabilizando o solo e poluindo e consumindo suas águas em excesso (principalmente para propósitos industriais). Esse processo gerou, em diversas cidades pelo mundo, um cenário de enchentes e precárias condições sanitárias que levou ao alheamento e à difusão de ideias higienistas. Os rios passam, então, a ser considerados fonte de doenças, incômodo, etc, e sofrem processos de canalização, retificação e encobrimento (BAPTISTA; CARDOSO, 2013, p. 132-136).

Em Belo Horizonte, cidade planejada, identifica-se um reflexo desse processo: a abundância hídrica desponta como fator de escolha de sua localidade, entretanto, ao determinar seu traçado, impera “o divórcio entre o desenho e a topografia da cidade” (ADELMAN *apud* BAPTISTA; CARDOSO, 2013, p. 149) que em pouco tempo produz um cenário de constantes enchentes. A esse cenário responde-se com a retificação, canalização e encobrimento de todos os córregos que compõem a área planejada. O Ribeirão Arrudas, principal curso d’água de Belo Horizonte, teve a calha rebaixada, as margens revestidas e foi canalizado entre 1896 e 1983. Entre 2006 e 2009 inicia-se o processo de encobrimento de grande parte do percurso do rio na área central da cidade, com o propósito de ampliar a capacidade do sistema viário (BAPTISTA; CARDOSO, 2013, p. 150; PRADO, 2013, p. 300).

Um outro exemplo é a relação que foi-se produzindo com o Cerrado, especialmente no Estado de São Paulo. Fortemente ignorado e invisibilizado, é considerado por Daniel Caballero como “terreno baldio original”, “entendido apenas como potência de vir a ser alguma coisa” (CERRADO INFINITO,

2024). Essa ideia é reforçada pelo que escreve Eduardo Trani, Secretário do Meio Ambiente, no texto que dá início ao livro *Plantas Pequenas do Cerrado: biodiversidade negligenciada* (2018):

Desde a chegada dos colonizadores portugueses no Planalto Paulista, estabelecendo-se nos Campos de Piratininga, há quase cinco séculos, as plantas pequenas do Cerrado foram, aos poucos, perdendo espaço para cidade, plantações, rodovias e outras formas de ocupação da terra ligadas ao desenvolvimento econômico no estado de São Paulo.

(TRANI *In.*: DURIGAN *et al*, 2018, p. 5)

Alguns efeitos disso são o apagamento do Cerrado enquanto bioma nativo da capital paulista – gerando um descaso com sua preservação na cidade – (CARDIM, 2022, p. 120), a incompreensão do manejo e das relações socioambientais do Cerrado – resultando, por exemplo, no combate ao fogo – (WALTER *In.*: DURIGAN *et al*, 2018, p. 10), a desconsideração das plantas de pequeno porte – que produz, por exemplo, práticas de restauração inadequadas no bioma – e um preconceito generalizado com o Cerrado, que é frequentemente diminuído, entendido como sinônimo de atraso e descaso, ou até crido como produto da ação humana de devastação de florestas.

Os dois projetos artísticos que são objeto de estudo desta pesquisa respondem justamente a essas duas situações. O primeiro deles, *Cerrado Infinito*, é realizado pelo artista Daniel Caballero desde 2015 e parte da constatação dos campos cerrados como paisagem nativa extinta no território da cidade de São Paulo. Ele envolve a recriação da paisagem dos Campos de Piratininga em espaços pela cidade, em que são cultivadas plantas nativas – sem o propósito de restaurar o bioma –, criando um local que é mantido coletivamente e transformado em ecossistema cultural a partir de mutirões semanais e do evento recorrente “Decolonization!”. Até hoje, o projeto está ou esteve presente em cinco territórios. Nesta pesquisa nos limitamos a estudar somente um deles, que deu início à obra e tem até hoje momentos de ativação periódicos: o *Cerrado Infinito* da Praça da Nascente, localizado na Praça Homero Silva, no bairro residencial da Pompéia, em São Paulo – SP.

O segundo é o projeto *Entre rios e ruas*, da artista Isabela Prado. Iniciado em 2006 com a constatação do encobrimento do Ribeirão Arrudas, em Belo Horizonte, *Entre rios e ruas* é um projeto de pesquisa que abrange diversas produções artísticas e reflete sobre “as relações entre cidade, paisagem, meio ambiente e indivíduo” (DINIZ, 2022 p. 34), principalmente a partir dos rios e córregos invisibilizados da capital mineira. Nesta pesquisa, trataremos especificamente da intervenção urbana de caráter permanente *Sobre o rio* (2018–2022), que consistiu na instalação de aproximadamente 230 placas de esquina que imitam a sinalização urbana, indicando a presença dos córregos, canalizados e encobertos, da área central de Belo Horizonte.

O principal objetivo da pesquisa foi entender quais relações com o espaço podemos depreender da análise dessas intervenções artísticas, que foi feita a partir da revisão da bibliografia, do trabalho de campo nas intervenções e de entrevistas com os artistas. Levando em consideração as sobreposições e atritos que estão postos quando tratamos de rios e biomas no território urbano, buscamos também investigar as características da urbanização de São Paulo e Belo Horizonte e os tensionamentos que são produzidos (ou não) pelas obras. O estudo dos conceitos de espaço e paisagem nos auxiliou neste processo, garantindo uma melhor compreensão das dinâmicas e relações em questão.

METODOLOGIA:

Durante a pesquisa, realizamos a revisão, catalogação e fichamento da bibliografia pertinente – incluindo vídeos, sites, reportagens e outros materiais disponíveis digitalmente –, o trabalho de campo e análise dos trabalhos artísticos – produzindo mapeamentos e documentos com os dados coletados – e entrevistas semiestruturadas com os artistas proponentes das obras. A revisão bibliográfica buscou contemplar a transdisciplinaridade do projeto, representando as áreas pertinentes a ele e que se entrelaçam na pesquisa. Buscamos investigar, catalogar e fichar todos os materiais disponíveis que tratam diretamente dos trabalhos artísticos *Entre rios e ruas* e *Cerrado Infinito* – e, em especial, da intervenção *Sobre o rio* e do *Cerrado Infinito* da Praça da Nascente –, também investigamos os conceitos de paisagem, espaço e natureza na Arte e na Geografia, os rios e sua relação com as cidades e o Cerrado – principalmente no que diz respeito à dimensão das plantas, sua relação com o fogo, sua invisibilidade e sua presença na cidade de São Paulo. Além disso, procuramos informações sobre a urbanização de Belo Horizonte e São Paulo, principalmente no que diz respeito a sua relação com as águas e o Cerrado, respectivamente.

O trabalho de campo em Belo Horizonte ocorreu em dois dias, nos quais foi possível percorrer todo o centro de Belo Horizonte em que se encontra o monumento pulverizado *Sobre o rio* (2018–2022). Parte desse percurso foi feito à noite, momento no qual foi possível escutar com nitidez o som dos córregos sob as ruas através dos “arejadores”¹. Também encontrei algumas pessoas na rua, principalmente moradores de rua e vendedores ambulantes, com os quais conversei sobre os córregos, o Ribeirão Arrudas e a sinalização resultante do projeto. A postura em campo foi principalmente a de reconhecer o espaço em que estavam as placas, me deslocando em função da sua presença na cidade. Apesar disso, também realizei atividades cotidianas – como comer num restaurante, visitar um museu e comprar no Mercado Central. Ressalto essas duas posturas por conta da especificidade da intervenção artística, que se infiltra no mobiliário urbano e não funciona como um ponto turístico, sendo pulverizada e integrando o cotidiano do centro da cidade.

Já em São Paulo, visitei o *Cerrado Infinito* da Praça da Nascente três vezes. Na primeira, fui em um dia em que não havia atividades do projeto. As outras duas ocorreram durante os mutirões semanais, nas manhãs de sábado. O método utilizado foi o da observação participante. Durante esses encontros, trabalhamos nos lagos que foram produzidos a partir do desassoreamento das nascentes da praça, cultivamos e podamos plantas do Cerrado paulistano e coletamos sementes, além de estar em contato com o espaço de forma descontraída e trocar experiências e conhecimentos.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas através de encontros virtuais com os artistas, a partir de um roteiro elaborado ao longo da revisão bibliográfica e após o trabalho de campo. Essas entrevistas foram transcritas para serem utilizadas na pesquisa e em oportunidades de publicação. A partir da revisão da bibliografia, do trabalho de campo e das entrevistas, realizei a análise dos trabalhos e uma análise comparativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A partir da comparação entre as intervenções artísticas estudadas, percebe-se que a ideia de tornar visível aquilo que outrora era invisível é comum a ambas. Para Isabela Prado, são os córregos do centro de Belo Horizonte que, ao serem canalizados e encobertos, parecem deixar de fazer parte da paisagem da cidade. A artista descreve que ela mesma se lembra dos córregos abertos, mas não em leito natural, e que há (ou havia, antes da presença de *Sobre o rio*) quem desconheça completamente a sua presença sob o asfalto (PRADO, 2024). A partir disso, aponta para o apagamento e alheamento que esses corpos d’água sofrem, deixando de existir no imaginário da população acerca da cidade.

No trabalho de Daniel Caballero, o que sofre com a invisibilidade é o Cerrado paulistano. Hoje majoritariamente devastado na cidade de São Paulo, ele também desapareceu do imaginário da população e dos pesquisadores. Apesar da presença em diversos relatos históricos e documentos acerca da vegetação do território, do séc. XX e atuais (FRANÇA, 1958, p. 100-104; JOLY, 1950; CARDIM, 2022, p. 120; REDE CERRADO, 2024), sua presença na cidade foi quase completamente apagada. Um exemplo é a descoberta de uma área de campos nativos que, apesar de noticiada, foi degradada, tornando-se canteiro de obras para dar lugar a prédios (CARDIM, 2022, p. 120;).

Esse processo de invisibilização parece ser consequência das sobreposições e distanciamentos promovidos pela urbanização. Herdeira da colonização (CARDIM, 2022, p. 18), do higienismo, do positivismo (BAPTISTA; CARDOSO, 2013, p. 132 e 149) e da industrialização capitalista (SEABRA, 2000, p. 73), a urbanização das metrópoles brasileiras como São Paulo e Belo Horizonte promoveu a destruição de campos e florestas, a degradação dos corpos d’água e sua canalização e encobrimento. Mas, como nos provocam as intervenções artísticas de Caballero e Prado, esses elementos não deixam de ser, em alguma medida, parte da paisagem desses territórios. Debaxo do asfalto ou em remanescentes nos terrenos baldios, eles resistem. As águas, durante as enchentes, se mostram.

As noções de paisagem e espaço, nesse momento, podem nos ser úteis. Partindo das definições propostas por Milton Santos em *A Natureza do Espaço* (2007), depreende-se que a paisagem tem caráter concreto, material, está ligada à visão e se constitui da somatória de elementos naturais e artificiais que caracterizam uma área, com origem em momentos diferentes, mas que coexistem no momento atual (p. 103-104). Já o espaço “são essas formas mais a vida que as anima” (SANTOS,

¹ Forma que a artista Isabela Prado batizou as portas de manutenção e escoamento dos córregos canalizados presentes em algumas das ruas sob as quais estão os córregos.

2007, p. 103), relacionado à sociedade e à ação social, que vai atribuindo funções aos elementos e fragmentos da paisagem. Ambos (espaço e paisagem) têm caráter transtemporal, existindo enquanto palimpsestos de passado e presente.

Para Milton Santos “Uma casa vazia ou um terreno baldio, um lago, uma floresta, uma montanha, não participam do processo dialético senão porque lhes são atribuídos determinados valores, isto é, quando são transformados em espaço.” (SANTOS, 2007, p. 109). Deste modo, seria justamente ao atribuir valores a elementos da paisagem que foram se tornando dormentes e invisíveis que se travariam as disputas entre a urbanização como a conhecemos e as provocações dos trabalhos artísticos que são objeto dessa pesquisa.

Para Isabela Prado, é no âmbito da paisagem que se torna possível refletir sobre a presença dos córregos e imaginar outras paisagens possíveis, nos breves momentos contemplativos que encontram espaço na vida cotidiana. O espaço urbano, do ponto de vista do público do trabalho, é a esfera na qual o trabalho se infiltra, atravessando a rotina como um ruído (PRADO, 2024, 12-13). Já o *Cerrado Infinito* tem a proposta explícita de recriar uma *paisagem extinta*. A contemplação de uma paisagem possível, então, não depende mais só da imaginação: ela se faz presente a partir do processo artístico de intervenção na paisagem que cultiva e reúne os remanescentes vegetais dos campos cerrados pulverizados pela cidade. A produção do *Cerrado Infinito* e as consequentes ativações realizadas nesse pequeno espaço presentificam essa paisagem, dando-lhe valor e colocando-a em evidência como visualidade em disputa – ou seja, dialogando com Milton Santos, a transformam em espaço.

Não deixa de chamar atenção, ao analisar as proposições artísticas por essa ótica, a importância da dimensão *transtemporal* do espaço e da paisagem que, na paisagem, reflete principalmente a sobreposição de tempos *passados*, lida a partir da chave da presença, e, no espaço, se *presentifica* a partir da ação, da vida e da sociedade. Nesse sentido, ao tornar visível elementos da paisagem que, através da produção do espaço pela urbanização foram e vão sendo constantemente invisibilizados, esquecidos e escondidos, essas intervenções artísticas atuam como um elo afetivo, sensível, imaginário e político, retornando à paisagem – no sentido daquilo que se pode abarcar com a visão – a presença de seus corpos d’água e vegetação. Esse retorno, entretanto, não acontece enquanto volta ao passado, e sim como uma provocação para a produção de uma relação com o espaço urbano em que se reconhecem as sobreposições, contradições, conflitos e complexidades que o constituem. É um retorno doído, que marca a paisagem como uma ferida, chamando a atenção, como diria Caballero, para “nossa inabilidade como povo de evitar a destruição dos biomas e da nossa identidade com a paisagem natural” (CERRADO INFINITO, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Dessa forma, compreende-se o caráter de resistência que o *Cerrado Infinito* (2015–) de Daniel Caballero e o projeto *Entre rios e ruas* (2006–) de Isabela Prado possuem com relação à urbanização, metropolização, fragmentação e invenção da natureza e produção de uma sociabilidade abstrata, fazendo ressurgir os elementos da paisagem que esses processos jogam para baixo do tapete. Os corpos d’água belorizontinos e os campos paulistanos são reposicionados em seus territórios, não como um restauro, mas como um apontamento, uma provocação, a partir da qual os artistas nos convidam a pré-figurar outras cidades possíveis, em que há a vivência e a prática de manejo cultural dos rios, córregos e plantas nativos destes territórios.

Frente ao contexto contemporâneo, acredito que seria interessante o aprofundamento nas relações entre esse processo de produção das cidades brasileiras e a ideia de crise e desequilíbrio ambientais. A partir desse recorte, poderíamos reposicionar o papel e a importância da arte enquanto elo e também como resistência a essa forma de urbanizar, chamando a atenção tanto para a sensibilidade, pioneirismo e capilaridade da arte e dos artistas ao tratar desses assuntos, quanto para a profundidade dos efeitos das ações artísticas nesse contexto.

Mas também devemos ponderar com maior profundidade as limitações dos projetos artísticos em questão. Durante a pesquisa, nos questionamos e investigamos sobre os sujeitos envolvidos e atingidos pelos projetos e os espaços que estes ocupam. As pistas com relação às limitações e perspectivas dos trabalhos são evidentes: o *Cerrado Infinito* da Praça da Nascente, ocupando uma pequena porção de espaço de uma praça de baixa circulação em um bairro residencial central de classe média, é ocupado principalmente por pessoas brancas, de classe média, ligadas ao ambientalismo e à

arte e com algum grau de proeminência em seus campos de atuação. Já o projeto *Sobre o rio*, apesar de ocupar áreas de grande circulação e visibilidade, parte da perspectiva da cidade planejada para realizar a escolha da área sinalizada pela intervenção, ligando-se à produção oficial da cidade, e, além disso, não promove momentos coletivos de ativação, ação, e troca de saberes, mostrando restrições nas dimensões comunitária e cultural e passando a integrar a cidade enquanto informação.

Se considerarmos a crise climática como crise de subjetividade, como nos provoca Gustavo Caboclo, que só pode ser compreendida a partir da história colonial e envolve a colonização do território, de povos e de imaginários (WAPICHANA, 2023), entendemos também que a sua superação, a partir de uma perspectiva socioambiental, não pode estar desvinculada da memória viva dos povos indígenas desses territórios e outros povos que estejam ligados às culturas da terra e a relações socioambientais saudáveis que perpassam esses ambientes. Nesse sentido, ao reviver práticas de manejo cultural dos córregos de Belo Horizonte e do Cerrado da cidade de São Paulo, é essencial que seja feita aliança com os sujeitos históricos que foram silenciados juntos a esses rios, córregos, plantas e bioma, para que dessa forma possamos realmente combater a colonialidade e seus efeitos.

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, Márcio; CARDOSO, Adriana. Rios e cidades: uma longa e sinuosa história. *Revista UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, v. 20 n° 2, jul/dez 2013. p. 125-153. Disponível em: <https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20-2/05-rios-e-cidades-marcio-baptista-adriana-cardoso.pdf>. Acesso em: 06 ago 2024.
- BRAGANÇA, Luciana S.; DALFIOR, Jade A.; DIAS, Andriel F.; SILVA, Thaís S. Rede RUN de Rios Urbanos Naturalizados: a contribuição da Universidade Federal de Minas Gerais. *ANAIS do XL ARQUISUR*, Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://www.sisgeenco.com.br/anais/arquisur/2022/arquivos/GT4_COM_89_288_20220909105236.pdf. Acesso em: 06 ago 2024.
- CARDIM, Ricardo. *Paisagismo sustentável para o Brasil: integrando natureza e humanidade no século XXI*. 1ª ed. São Paulo: Olhares, 2022.
- CERRADO INFINITO. [Site do projeto]. Disponível em: <https://www.cerradoinfinito.com.br/>. Acesso em: 06 ago 2024.
- DINIZ, Clarissa (Org.); PRADO, Isabela; MATTOS, Josué. *Isabela Prado: Sobre o rio = Over/About the river*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2022.
- DURIGAN, Giselda; PILON, Natashi A.L.; ASSIS, Geissianny; SOUZA, Flaviana M.; BAITELLO, João B. *Plantas pequenas do Cerrado: biodiversidade negligenciada*. 1ª ed. São Paulo: São Paulo (Estado) Secretaria do Meio Ambiente, 2018.
- FRANÇA, Ary. A cobertura vegetal da região de São Paulo. *In.*: AZEVEDO, A. (Org.). *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1958. p. 99-105.
- JOLY, A. Brandão. Estudo Fitogeográfico dos Campos de Butantan (São Paulo). *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. Botânica*. São Paulo: USP, v. 8, 1950. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-5988.v8i0p13-68>. Acesso em: 06 ago 2024.
- PRADO, Isabela. Sobre o rio, Sob(re) a cidade. [Entrevista concedida a] Lua Bonduki. *arte :lugar :cidade* (submetido), 2024.
- REDE CERRADO. *São Paulo: a menor porção que há*. Disponível em: <https://redecerrado.org.br/historiasdocerrado/home/sao-paulo/>. Acesso em 06 ago 2024.
- SANTOS, Milton. Uma necessidade epistemológica: a distinção entre paisagem e espaço. *In.*: SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed, 9ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2007. p. 103-110.
- SEABRA, Odette C. L. Urbanização e fragmentação: a natureza natural do mundo. *Geografares*, Vitória, v. 1, n° 1, jun, 2000. p. 73–79.
- WAPICHANA, Gustavo Caboco. A crise do clima é também uma crise de subjetividade. [Entrevista concedida a] Cristiane Fontes. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, B4, 22 abril 2023.